

20º DOMINGO APÓS PENTECOSTES

TEXTO: GÊNESIS 4.1-15

1. TEMA DO DIA:

Como vivemos no tempo após Pentecostes, lembramos da constante ação de Deus em nosso meio através do seu Espírito Santo. Este mantém a Igreja e os seus membros unidos a Cristo e a sua obra. O Espírito, também, nos lembra constantemente de que somos pecadores e que necessitamos da misericórdia de Deus em nossas vidas. Assim, pensando nos textos indicados para este domingo, uma das temáticas que saltam aos olhos é a da dependência da graça de Deus e de sua compaixão.

2. AS LEITURAS DO DOMINGO:

No Salmo 5 vemos alguém tão fraco que clama pela ajuda do Senhor através de gemidos. Mais adiante, o mesmo salmista afirma que Deus, embora não suporte a iniquidade e a maldade, é misericordioso para com quem o teme. Em contrapartida, o salmista acusa seus adversários de mentirosos, maldosos e assassinos, e pede que Deus os considere culpados de suas faltas e os rejeite por conta disto. No fim, o salmista sabe que só em Deus há alegria e misericórdia para aqueles que confiam no Senhor. Deus abençoa o justo e o protege pela sua bondade.

Na epístola (2Tm 4.6-8, 16-18), Paulo afirma que chegou ao fim de sua vida. Ele usa um linguajar sacrificial do Antigo Testamento (libação) sugerindo que ele próprio estaria entregando sua vida em sacrifício em favor da proclamação do Evangelho. Diante de sua morte iminente, relata que havia sido abandonado pelos seus amigos na sua primeira audiência de defesa em Roma. No entanto, o apóstolo sabia que Deus estava ao seu lado lhe dando forças para suportar as adversidades e que lhe levaria para os Céus ao final de todas as provações.

O Evangelho do dia (Lc 18.9-17) poderia ser dividido em dois blocos diferentes, mas que possuem a mesma temática central: a dependência. Na primeira parte do texto (versos 9 a 14), vemos que o fariseu considerava que sua vida era de santidade e, por isso, chegava diante de Deus apenas para se vangloriar e proclamar a sua “perfeição” moral. O publicano, porém,

reconhecia a sua incapacidade de fazer aquilo que o Senhor esperava dele e que necessitava de sua compaixão. Jesus afirma que este último é quem foi justificado diante do Senhor. Na segunda parte deste texto (versos 15 a 17), onde aparecem as crianças que eram impedidas pelos discípulos, vemos uma orientação clara da parte de Jesus a não confiar na justiça do ser humano e na sua capacidade de fazer o que é certo, visto que, como uma criança incapaz, devemos ser dependentes dos cuidados do Pai e de sua graça.

3. ESTUDO DE GÊNESIS 4.1-15:

COMENTÁRIOS VERSÍCULO-A-VERSÍCULO:

¹Adão teve relações com Eva, a sua mulher. Ela ficou grávida e deu à luz Caim. Então ela disse: — Adquiri um varão com o auxílio do Senhor.

Vs. 1: O termo que designa a relação sexual entre Adão e Eva neste versículo é bastante utilizado em todo o Antigo Testamento. Embora tenha sido traduzido pela NAA como “teve relações”, a raiz do verbo é **עד** que significa, de modo geral, “conhecer”. No entanto, esta palavra expressa um sentido mais elevado da união sexual, algo pessoal e profundo. Porém, este sentido vai se perdendo na medida em que também é usado para descrever a sodomia, como vemos em Gn 19.5. Da mesma maneira, este “conhecimento” não é no sentido objetivo da palavra, como de conhecer alguma coisa. Está mais para um conhecer a ponto de familiarizar-se com o outro. O relacionamento corporal do homem e da mulher não é ensinado principalmente como algo fisiológico, mas pessoal.

O nome escolhido para seu primeiro filho é Caim (**קַיִן**), soa parecido com o verbo utilizado por ela: **קנה** que significa “adquirir”. Este uso de palavras com etimologias semelhantes dá ao texto um tom poético. Contudo, não há nenhum significado intrínseco entre **קנה** e **קַיִן**, visto que o significado do nome “Caim” parece ser algo semelhante a “ferreiro” ou “metalúrgico”. Essa interpretação tem por base o significado da palavra árabe “qaynun - ferreiro, e ganha força na medida em que Tubalcaim – um dos descendentes de Caim de cujo nome é derivado - é tido como ferreiro, como lemos em Gn 4.22: “Zilá, por sua vez, deu à luz Tubalcaim, artífice de todo instrumento cortante, de bronze e de ferro”.

A questão mais intrincada deste versículo se encontra na expressão de Eva, traduzida por: “Adquiri um varão com o auxílio do Senhor”. No entanto, em hebraico a construção é a seguinte: **קָנִיתִי אִישׁ אֶת־יְהוָה** – cuja análise é como segue: o verbo **קָנִיתִי** está no aspecto perfeito (passado) da 1ª pessoa do singular de **קנה**, sendo traduzido por “Eu adquiri”; o substantivo no

singular masculino שׂוֹרֵץ pode ser traduzido por “homem” (no sentido de ser do sexo masculino); a expressão אֶת־יְהוָה é composta pela partícula אֶת - que tanto pode ser uma indicação do objeto direto como a preposição “com” – e o tetragrama יהוה , sendo o que representa o nome de Deus, transliterado por YHWH (Yahweh). Sendo assim, a tradução literal seria: “Adquiri um homem com [o auxílio de] YHWH”; ou, considerado אֶת como o indicador do objeto direto: “Adquiri um homem, o YHWH”

Talvez por conta desta última possibilidade, alguns comentaristas argumentam que Eva, de maneira otimista, esperava que o seu primeiro descendente seria o messias prometido por Deus para esmagar a serpente. Porém outros comentaristas, analisando diferentes usos desta partícula, admitem que é mais provável que Eva estivesse reconhecendo o auxílio de Deus no fato dela ter tido um filho do que dizendo que havia tido um filho “como Deus”. Assim, nesta frase encontram-se tanto a gratidão quanto o louvor: gratidão na libertação da dor e do perigo, louvor porque o Senhor está manifestando sua graça e fidelidade em lhe dar um filho. Mesmo assim, provavelmente a sua esperança de ver logo o Messias é verdadeira.

²Depois, deu à luz Abel, irmão de Caim. Abel foi pastor de ovelhas, e Caim foi agricultor.

Vs. 2: Neste versículo, o que chama a atenção é o nome do segundo filho de Adão e Eva: אֲבֵל – “Abel”. Este nome é derivado de אָבַל – “sopro”, “respiração” ou “ vaidade”. Essa expressão poderia significar a brevidade da vida de Abel, tal como vemos seu uso em Jó 7.16: “Estou farto da minha vida; não quero viver para sempre. Deixa-me em paz, porque os meus dias são um sopro. ” Aqui “sopro” é אָבַל.

Este verso traz a diferenciação das atividades de cada um dos irmãos. Porém, não devemos presumir que Abel fez uma escolha mais sábia do que seu irmão ou que deve haver uma rivalidade entre estes modos de vida (pastoril e agrícola) como alguns comentaristas sugerem; Deus tem lugar para as duas formas de trabalho.

³Aconteceu que, ao fim de um certo tempo, Caim trouxe do fruto da terra uma oferta ao Senhor. ⁴Abel, por sua vez, trouxe das primícias do seu rebanho e da gordura deste. O Senhor se agradou de Abel e de sua oferta, ⁵mas de Caim e de sua oferta não se agradou. Caim ficou muito irritado e fechou a cara.

Vs. 3: Caim traz como oferta produtos que cultivava. O verbo aqui é בָּוֵא – “entrar”, “vir”. Contudo, por estar no hiphil (causativo), traduz-se por “trazer”. Este é um termo muito

usado em outros textos, como Levítico 2.2, para denotar o culto através do sacrifício. No entanto, ele não é exclusivo para este fim, visto ser muito utilizado em contextos não cúltricos.

De qualquer modo, em Gênesis 4, ainda não havia sido registrado uma ordem de Deus para que sacrifícios fossem trazidos. Ao contrário, parece uma instituição humana. Comentaristas afirmam que estes sacrifícios se originaram espontaneamente da parte do homem como uma tentativa de mostrar devoção e gratidão para com o Doador de todas as coisas. Se Deus tivesse ordenado, certamente teria importância suficiente para estar registrado.

Vs. 4, 5: Abel, de acordo com a sua profissão, também traz uma oferta a Deus. No entanto, ele escolhe das “primícias” e da “gordura” de seu rebanho. O termo “gordura” representa a melhor parte de um rebanho, a parte mais saborosa. Assim, o sacrifício feito por Abel indica seu desejo de oferecer o melhor a Deus.

Há um contraste daquilo que Caim ofereceu e o sacrifício que Abel trouxe. Nota-se essa diferença no uso das palavras que descrevem as ofertas: “Caim trouxe do *fruto da terra* (...) Abel, por sua vez, trouxe das *primícias* do seu rebanho e da *gordura* deste”. Esta diferença pode indicar que Caim praticou uma mera formalidade de maneira mecânica, enquanto Abel escolheu aquilo que tinha de melhor. Ainda assim, não se pode afirmar que o motivo da oferta de Abel ter agradado o Senhor estava no fato dele ser uma oferta de sangue, como alguns estudiosos sugerem.

Então, Deus se agradou da oferta de Abel e de Caim não. O Verbo aqui é *נעש* que significa “olhar”. No entanto, em seu uso com a conjunção *ל* - “com” – traduz-se por “olhar com favor”. Comentaristas ressaltam que o mais significativo deste trecho está no fato que este “olhar com favor (ou não)” se dirige primeiro para a pessoa e depois para a oblação em si, indicando que o fator determinante na adoração não é o que se oferta, mas o coração do ofertante. Primeiro Deus se agrada de Abel e só então do que ele oferece. Assim como primeiro Deus se desagrada de Caim e só então de sua oferta.

No entanto, este versículo inevitavelmente traz consigo um questionamento importante: Por que Deus se agradou de Abel e não de Caim? Comentaristas apontam para cinco possíveis respostas que têm sido dadas ao longo dos anos em que este texto foi estudado. São as que seguem. Primeira: Deus prefere pastores à agricultores. Isto nós sabemos que não poderia ser verdade, visto que o próprio Adão, em Gn 2.15, é chamado por Deus para

cultivar o Jardim do Éden. Segunda: Sacrifícios de animais são os mais aceitáveis para Deus. Esta também comete equívoco, já que na mesma medida que sacrifícios de sangue são exigidos, ofertas de grãos também possuem seu valor (Cf. Lv 2). Terceira: Os motivos de Deus são incompreensíveis e imperscrutáveis. Embora isto seja uma verdade, talvez possamos perceber algo além desta opção. Quarta: Tendo em mente o texto de Hb 11.4 (“Pela fé, Abel ofereceu a Deus um sacrifício mais excelente do que Caim, pelo qual obteve testemunho de ser justo, tendo a aprovação de Deus quanto às suas ofertas.”), podemos perceber que o diferencial entre os irmãos seria a fé em seu coração. Quinta: alguns comentaristas sugerem que a diferença estaria na qualidade dos produtos, visto que Caim ofertou alguns frutos enquanto Abel ofereceu as primícias.

Talvez uma solução seria unir três destas respostas em uma só: o motivo de Abel crer e Caim não, fica contida na questão de que os desígnios de Deus são insondáveis. O fato de Deus ter aceitado a oferta de Abel pode ser porque este realmente separou a melhor parte de sua criação. No entanto, isto não foi causado por um “coração puro” visto que Abel já faz parte da humanidade caída por conta do pecado, mas é causado por um coração que crê em Deus. Justamente por isso que o verso 4 faz questão de mencionar que o Senhor se agradou primeiro de Abel e só depois de sua oferta. No fim, é a fé de Abel que dignifica a sua oferta diante de Deus.

‘Então o Senhor lhe disse: — Por que você anda irritado? E por que essa cara fechada? ⁷Se fizer o que é certo, não é verdade que você será aceito? Mas, se não fizer o que é certo, eis que o pecado está à porta, à sua espera. O desejo dele será contra você, mas é necessário que você o domine.

Vs. 6: Este bloco traz uma tentativa de diálogo da parte de Deus com Caim. No entanto, a resposta (se houve) não foi registrada. A expressão inicial é: “E disse YHYW”. Visto que alguns interpretaram este diálogo como sendo algo metafórico, como se fosse um embate interno em Caim ou, ainda, como se fosse o próprio Adão quem estaria lhe aconselhando, a expressão inicial ganha importância.

As perguntas feitas por Deus indicam uma vontade de que Caim percebesse o seu erro. A primeira parte da advertência é uma pergunta calculada para levar Caim a compreender a desordem grave em sua conduta. Ele deveria ter demonstrado tristeza por seu pecado, em vez de raiva pelo Deus que graciosamente o advertiu.

Vs. 7: Deus faz outra pergunta para Caim seguida de uma advertência. Se Caim ouvisse a pergunta de Deus e refletisse sobre o porquê de ele próprio estar com raiva, talvez tivesse se dado conta que Deus é quem deveria se irar diante da oferta de Caim. Desta maneira, quem sabe, ele teria dado mais valor à advertência graciosa do Senhor.

Porém, diante do silêncio sugestivo de Caim, Deus o adverte a respeito do perigo do pecado. Esta é a primeira vez que o termo “pecado” aparece na escritura e tem o sentido básico de “errar o alvo”. Neste verso, Deus revela o perigo do pecado descrevendo como uma fera pronta para atacar e ferir quem permitir. Porém, cabe uma reflexão sobre esse “dominar” do pecado que Deus requer de Caim: ele não está dizendo que o homem por si mesmo pode dominá-lo, mas sim, que o próprio Deus o ajuda nisso. É a Palavra de Deus – como um Meio da Graça – que supre o ser humano dá força para governar a “fera” e sua ameaça.

Sendo assim, o silêncio de Caim parece significar que ele não estava dando importância para aquela advertência. Não há agradecimentos, relato de arrependimento de sua ira e ciúme. Ao que parece, Caim só tinha sua teimosia para oferecer.

⁸Caim disse a Abel, seu irmão: — Vamos ao campo. Estando eles no campo, Caim se levantou contra Abel, o seu irmão, e o matou.

Vs. 8: Este versículo possui uma tradução difícil. O original é como segue: וַיֹּאמֶר קַיִן – O verbo אמר está no aspecto imperfeito, indicando uma ação futura. No entanto, como há um “vaw consecutivo” este tempo verbal se torna pretérito. Considerando que os verbos היה e אמר estão no pretérito e não há indicação gramática de que Caim tenha de fato feito algum convite para Abel, a tradução literal seria: “E disse/contou Caim para Abel, seu irmão, e foram para o campo”.

Nesse sentido, a tradução de fato ficaria faltando o que Caim disse para Abel. Alguns comentaristas mais críticos concordam que parece que algo foi omitido no diálogo entre os irmãos. A LXX traduziu este trecho (assim como a NAA e outras versões em português) como: “Disse Caim a Abel, seu irmão: vamos ao campo”. Esta lacuna preenchida pelas versões, incluindo a LXX, pode ser uma tentativa de tornar o texto mais coerente, mas que não há uma resposta clara sobre qual das opções seria uma melhor tradução.

Porém, comentaristas conservadores defendem que esta seria uma discussão infundada, tendo em vista outros usos desta mesma construção frasal e visto que a gramática, segundo eles, possibilita a tradução como a maioria das versões traz, como se Caim de fato

apenas fizesse o convite a Abel. Se optarmos por esta última opção, fica mais evidente a crueldade e a premeditação do assassinato cometido por Caim que, aparentemente, longe de acatar a advertência divina, chegou ao ponto de planejar tirar seu irmão da vista de outros para poder mata-lo. E, de fato, a descrição do assassinato é feita de maneira abrupta e rápida, ressaltando a brutalidade com que isso tudo aconteceu.

⁹O Senhor disse a Caim: — Onde está Abel, o seu irmão? Ele respondeu: — Não sei; por acaso sou o guardador do meu irmão?

Vs. 9: Neste versículo, vemos o segundo interrogatório registrado na Escritura. Novamente Deus confronta o ser humano com uma pergunta retórica, dando, inclusive, a chance de um eventual arrependimento. Diversos comentaristas concordam que há uma diferença crucial entre este episódio e o primeiro interrogatório de Gênesis 3. Naquele, ao serem confrontados por Deus, Adão e Eva demonstraram medo e até certa humildade, mesmo que com respostas evasivas. Já neste segundo, nota-se que Caim está com seu coração endurecido: com uma resposta bastante atrevida, mente para Deus – que já sabia da resposta, por sinal.

Porém, é possível perceber que a pergunta de Deus cumpriu o seu objetivo, a ponto de fazer com que a lembrança do corpo do irmão morto abandonado no campo viesse à memória de Caim. E isso se reflete na resposta ousada que ele dá a Deus: “Eu não sei; sou eu o guardião do meu irmão?”. No hebraico, a expressão é: *הַשִּׁמְרָן* – composta pelo verbo *שמר* (“guardar”, “proteger”). Junto dele está a partícula interrogativa *הֲ* que já antecipa uma resposta negativa. Assim, a questão ganha uma força ligeiramente diferente no hebraico, onde o predicado é o primeiro a enfatizar: “Sou o guardião de meu irmão eu?” Caim se sente culpado demais para chamar a atenção para si mesmo por meio de contraste e dizer: “Eu sou o guardião do meu irmão?”

¹⁰E o Senhor disse: — O que foi que você fez? A voz do sangue do seu irmão clama da terra a mim. ¹¹E agora você é maldito sobre a terra, cuja boca se abriu para receber da sua mão o sangue do seu irmão. ¹²Quando você cultivar o solo, ele não lhe dará a sua força; você será fugitivo e errante pela terra.

Vs. 10: Tendo em vista que a tentativa de Deus em fazer Caim confessar seu pecado havia falhado, a resposta que ele dá é severa: “A voz do sangue do seu irmão clama da terra a mim.” No hebraico, o substantivo *דָּם* - “sangue”- está na sua forma de plural, como se

fossem, então, muitas gotas derramadas. E o verbo “clamar” está no particípio, transmitindo a ideia de que o sangue de Abel “clama continuamente” a Deus, como uma ação insistente e repetitiva.

A questão de o sangue “ter uma voz que clama” não é estranha. Em Lv 17.11, a alma de um ser humano é considerada alojada em seu sangue. Está escrito: “Porque a vida da carne está no sangue. Eu o tenho dado a vocês sobre o altar, para fazer expiação pela vida de vocês, porque é o sangue que fará expiação pela vida.” Assim, a morte de um santo é preciosa aos olhos de Deus, como se lê no Salmo 116.15: “Preciosa é aos olhos do Senhor a morte dos seus santos.” Logo, uma morte não deve ser considerada leviana. Deus se importa com cada uma delas.

Vs. 11, 12: No hebraico, a expressão “E agora”, “a partir de agora” – geralmente introduz e aponta para uma consequência ética de algo que foi dito anteriormente. Assim, a profundidade da punição de Caim pode ser vista neste versículo. Como se pode observar, quando Adão e Eva pecaram, a serpente e o solo foram amaldiçoados (Gn 3.14,17). Porém, agora o homem é alvo desta maldição – o que é extremamente sério. Cabe ressaltar que esta punição não retira de Caim a possibilidade de salvação. Ou seja, não é uma sentença condenatória ao inferno. Ela basicamente se divide em duas partes que se referem mais à subsistência: ele iria obter seu sustento de maneira muito mais difícil, sendo expulso na porção cultivável daquela terra, e deveria vagar como um errante.

A primeira parte da maldição é cuidadosamente pensada, afinal, Caim era agricultor e o mesmo solo que lhe dava sustento, “abriu a boca para engolir o sangue inocente de Abel”, assim, este mesmo solo se recusará a produzir para Caim. A segunda parte da maldição também é meticulosa: sendo Caim obrigado a vagar pela terra, ele não poderia se estabelecer por muito tempo em locais onde a agricultura seria seu meio de subsistência. Em outras palavras, Caim deixa de ser um fazendeiro e se torna um beduíno.

¹³Então Caim disse ao Senhor: — Meu castigo é tão grande, que não poderei suportá-lo. 14Eis que hoje me expulsas da face da terra, e da tua presença terei de me esconder; serei fugitivo e errante pela terra; quem se encontrar comigo me matará.

Vs. 13: O substantivo חַיִּיב pode ser traduzido por “culpa”, “iniquidade”, “punição”. Assim, alguns tradutores optam pela seguinte possibilidade de tradução: “Minha iniquidade é grande demais para ser perdoado”. Esta seria a opção que Lutero havia escolhido. No entanto,

percebe-se que a postura arrogante de Caim diante da resposta do verso 9 dá espaço para um grande desespero. Caim percebe que a sua punição é pesada e lamenta por ela. Então, neste contexto, a palavra יִצַּר é uma consequência do pecado e deve ser traduzida por “punição”. Sendo assim, a tradução sugerida por Lutero não seria a melhor, visto que Caim está se referindo ao peso de seu castigo, que considera demasiadamente grande. Além do mais, Caim lamenta pela punição em si, mas em nenhum momento demonstra arrependimento pelo seu pecado ou preocupação com um eventual perdão.

Vs. 14: O lamento de Caim traz um eco de Gn 3, quando seus pais se esconderam da face de Deus e foram expulsos do Jardim do Éden. No entanto, a parte de maior significado de seu lamento está na segunda parte, quando ele afirma que quem se encontrasse com ele poderia matá-lo. A coragem inicial de Caim se esvaiu e a terrível realidade lhe vem à mente. Alguns críticos sugerem um problema na narrativa, visto que o texto é subsequente ao capítulo 3 e não dá espaço para a descrição de quem poderiam ser essas “pessoas” e que Caim estava vivendo em um mundo já bastante povoado – sugerindo que o relato de que houvesse apenas uma família de quem se originou toda a humanidade fosse uma ficção. Porém, não há nenhuma imprecisão na narrativa, visto que a sequência de textos prova que outros filhos de Adão e Eva já viviam nessa época. Sendo assim, o relato fica ainda mais aterrorizante, já que Caim está justamente com medo de algum familiar seu lhe tirar a vida como vingança.

¹⁵O Senhor, porém, lhe disse: — Não! E, se alguém matar Caim, será vingado sete vezes. E o Senhor pôs um sinal em Caim para que, se alguém viesse a encontrá-lo, não o matasse.

Vs. 15: Caim pediu com tamanho desespero que Deus ouviu a sua súplica. Como proteção e aviso, Deus concede a Caim um sinal que o texto não se preocupa em descrever. E esta tem sido uma longa discussão entre diversos estudiosos das Escrituras. Muitos sugerem que este sinal seria algo negativo, como uma marca vexatória. Algo que Deus havia posto “em” Caim. Contudo, no hebraico a expressão é לְכַיִן - composta da preposição לְ “para”, junto do nome כַּיִן “Caim”, formando um dativo importante. Sendo assim, não é uma marca que foi posta “em” ou “sobre” Caim, mas uma marca “para” Caim. Um sinal que Deus deixou aparecer para que Caim se sentisse seguro. Não há, portanto, nenhum fundamento para supor que Caim agiu como um homem marcado pelo resto de sua vida

Alguns comentaristas afirmam que este sinal poderia ser entendido como sendo algo que Deus demonstrou no momento da sua promessa para Caim: um trovão ou relâmpago, por

exemplo, que seria um símbolo de que ele cumpriria a sua palavra. Já outros levantam a hipótese de ser algo que eventualmente apareceria quando a vida de Caim fosse ameaçada para dissuadir quem o atacasse. Outra especulação recorrente é a de que essa marca poderia ser tanto para Caim quanto para seus descendentes, aparecendo, então, como algum aspecto físico. Porém, tendo em vista o contexto e a própria gramática, fica claro que esta marca foi dada a Caim e não para a sua descendência.

O fato é que este sinal ou marca foi bastante usada por Deus na história do seu povo. Por exemplo, em Ez 9.4;6, há a menção de uma marca para livrar certas pessoas da morte: “(...) e lhe disse: Passa pelo meio da cidade, pelo meio de Jerusalém, e marca com um sinal a testa dos homens que suspiram e gemem por causa de todas as abominações que se cometem no meio dela. (...) a todo homem que tiver o sinal não vos chegueis; começai pelo meu santuário”. Já em Êx 12.7 a marca existe também para salvar o seu povo, com a única peculiaridade de ela deveria ser feita não em seus corpos, mas em suas portas: “Tomarão do sangue e o porão em ambas as ombreiras e na verga da porta”.

Assim, o que fica claro diante deste versículo, é que Deus protegeu Caim. Há um comentarista que afirma: “o interesse de Deus pelo inocente iguala-se somente à sua preocupação pelo pecador”. Sendo assim, Deus dá um “salvo-conduto” a Caim – algo que ele não merecia -, fazendo quase que como uma aliança, com o próprio Deus se tornando, ironicamente, o guardador de Caim.

ASPECTOS TEOLÓGICOS:

REALIDADE TEOLÓGICA:

Verdades sobre Deus, sobre o ser humano; Como Deus é o protagonista da narrativa?

A realidade da natureza pecadora do ser humano é uma constante no texto bíblico. Adão e Eva puderam ver dentro de sua família a consequência do seu próprio pecado. Eles sentiram em sua carne a dor do que é estar em conflito com Deus. Os primeiros pecadores, Adão e Eva, não foram os primeiros humanos a morrerem sobre a face da terra (que a Escritura se preocupa em relatar), mas sim, seu filho Abel. Este foi o primeiro a sofrer a consequência dolorosa da corrupção e do pecado.

Esta natureza pecadora, já refletida em sua total perversidade no próprio Caim, se faz representada nas palavras de Jesus quando ele pronuncia: “Porque do coração procedem maus

desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias ” (Mt 15.19). Assim, enquanto em Gn 3 vemos o diabo agindo através da serpente, em Gn 4, com Caim, parece que a sua natureza corrompida fez a maior parte do trabalho. O contraste é evidente: antes da queda, Eva precisou ser persuadida a pecar, já seu filho, contaminado pela maldade e corrupção, não aceita ser dissuadido da sua intenção de fazer o mal (KIDNER, 1979).

Esta é a realidade do ser humano: é invejoso, assassino e irascível, que sequer aceita os conselhos do próprio Deus. Diante disso, é possível perceber as consequências desastrosas que o pecado causou e causa no ser humano, afastando-o de Deus, tornando-o seu inimigo, como vemos nas palavras do versículo 14, proferidas por Caim: “e da tua presença hei de esconder-me”. Absortos em seus pecados, não há solução aparente para a situação da humanidade pecadora.

Porém, é justamente neste momento que Deus assume o controle da história. Quando para a humanidade só restaria a morte, Deus providencia uma salvação. É inegável que para os padrões humanos Caim merecia ser morto imediatamente. O próprio Deus havia lhe advertido sobre a sua conduta, desejoso de que ele resistisse ao seu pecado e à sua intenção de fazer mal a seu irmão. Ainda assim, diante da recusa de Caim em ouvir o seu conselho, Deus age misericordiosamente.

Neste texto, nota-se a grande preocupação que Deus tem pelo pecador. Deus sabia que depois que tudo tivesse acontecido, Abel estaria com ele, longe da maldade do mundo. Mas, e Caim? Com ele, Deus amorosamente lhe proporciona meios para que viesse a se arrepender. Se os conselhos não funcionaram, numa tentativa de ver arrependimento em Caim, Deus parte para as perguntas retóricas dos versos 9 e 10. E, mesmo que o coração endurecido do pecador Caim não tenha amolecido com estas interpelações, O Senhor age com uma imerecida misericórdia, concedendo ao rebelde um “Salvo-conduto”.

CRISTOLOGIA:

Como já mencionado antes, Deus usou diversas vezes sinais para salvar a vida de pessoas. Talvez, a menção mais definida de uma “marca salvadora” esteja no livro do Êxodo, quando Deus ordena que o povo passe sangue de cordeiro nos batentes das portas: “O sangue vos será por sinal nas casas em que estiverdes; quando eu vir o sangue, passarei por vós, e não haverá entre vós praga destruidora, quando eu ferir a terra do Egito. ” (Êx 12.13). Há de se

notar uma clara tipologia neste evento: por ora, um cordeiro de rebanho serviria, mas isso apenas para prefigurar o último Cordeiro que teria seu sangue derramado para a salvação de todos, o próprio Cristo. Sendo assim, é possível estender esse significado precioso dos sinais concedidos por Deus ao longo da história de seu povo, incluindo este dado a Caim.

SUGESTÃO HOMILÉTICA: **“A MARCA MISERICORDIOSA DE DEUS”**

A tendência de todo ser humano é olhar para o texto de Gn 4.1-15 e considerar Caim o pior homem que já existiu sobre a terra. Chegamos até a questionar Deus por tanta misericórdia despendida a Caim (como se ela fosse nossa para escolhermos dar para quem a merece de fato). Do ponto de vista da justiça terrena, é certo que os “pecados” devem ser julgados de acordo com a sua gravidade. Diante de Deus, contudo, pecados têm pesos semelhantes. Eis um grande desafio para nossos corações pecadores: entender que todos são alvos do amor e da misericórdia de Deus.

Mesmo em meio a toda essa corrupção, Deus cuida da humanidade. O próprio Jesus afirma “(...) Ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons e vir chuvas sobre justos e injustos” (Mt 5.45). Caim não merecia aquele sinal, e nós não merecíamos a redenção dada através de Cristo ou qualquer dádiva vinda de Deus. Ainda assim, ele concede gratuitamente uma marca a cada um de nós: no nosso Batismo, recebemos o sinal da Santa Cruz, e através desta marca, somos incluídos no Povo de Deus e recebemos os benefícios daquelas marcas que Cristo tem em suas mão e lado. Esta é a única, suficiente, plena e perfeita marca de salvação que o ser humano precisa.

Embora o sangue de Abel tenha clamado por vingança, o sangue de Jesus fala uma palavra que cancela a palavra de julgamento. Por meio de seu sangue aspergido, Ele é o mediador de uma aliança de perdão e reconciliação (Hb 12.24). A maldição do pecado não nos atormenta mais como fez com Caim, visto que Cristo suportou a maldição da cruz por nós (Gl 3.13).

Rev. Jordan W. Gowert Madia